

# LÍNGUA NUA: CORPO-TEXTO ESCRITO COM LUZ

**Andréa Francisca da Luz**

Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTIVISA)

letradeforma@hotmail.com

**RESUMO:**

A fotografia é uma linguagem que reproduz de forma icônica e multissemiótica o seu objeto. Escrita com luz, ela reflete e refrata as nuances deste objeto a partir de um olhar quase poético do fotógrafo, agente de um texto visual dialógico, incompleto e inacabado. É por meio deste viés que este artigo tem como objetivo abordar sobre a *Exposição Fotográfica Língua Nua*, projeto que traz à baila o conceito de língua enquanto processo e produto social e de corpo como texto que está em desconstrução/reconstrução. A pesquisa é documental e descritiva. O aporte teórico versa sobre os conceitos de Imagem (DOMÈNECH, 2011), Fotografia (BARTHES, 2012) e de Língua/Texto (BAKHTIN, 2010). Concluiu-se que o projeto fotográfico Língua Nua teve como foco a convergência entre língua, linguagem, poesia e corpo como signos intersemióticos, carregados de ideologias e capazes de se aliarem para a produção de efeitos variados de sentidos no espectador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia documental; Exposição Fotográfica Língua Nua.

**ABSTRACT:** Photography is a language that reproduces its object in an iconic and multisemiotic way. Written with light, it reflects and refracts the nuances of this object from an almost poetic look of the photographer, agent of an incomplete and unfinished dialogical visual text. It is through this bias that this article aims to address the Naked Language Photographic Exhibition, a project that brings up the concept of language as a process and social product and body as a text that is in deconstruction / reconstruction. The research is documentary and descriptive. The theoretical contribution is about the concepts of Image (DOMÈNECH, 2011), Photography (BARTHES, 2012) and Language / Text (BAKHTIN, 2010). It was concluded that the photographic project Naked Language focused on the convergence between language, language, poetry and body as intersemiotic signs, loaded with ideologies and able to combine to produce varied effects of meanings in the viewer.

**KEYWORDS:** Documentary photography; Naked Language Photographic Exhibition.

## INTRODUÇÃO

Corpo-Texto  
Texto-Corpo  
Corpo-Texto-Corpo  
Texto-Corpo-Texto

No corpo deste texto  
Inacabado  
Incompleto

O ciclo profícuo  
Da reconstrução

Ele se reconstrói  
Se revisita  
Se realinha

Promove sentidos  
Efeitos  
Conexão

O texto deste corpo  
*É reinvenção*

Na linguagem pura  
Que o habita  
Que o move  
E o reorganiza

Na língua nua  
Que tece  
E reelabora  
sua incansável transcrição.

(*Andréa Luz*)

O que é uma imagem? Até que ponto a fotografia pode ser

considerada uma atividade poética? De que forma o *Língua Nua* conseguiu ser não apenas um projeto fotográfico responsivo à sua época e à sua sociedade, mas, principalmente, servir de proposta intersemiótica para a atualização do conceito de língua e linguagem na contemporaneidade? São estas questões que iremos abordar neste artigo. Para tanto, teremos como escopo teórico o referencial de Barthes (2012) e de Domènech (2011) sobre o conceito de imagem. Em seguida, vamos nos ater à visão de Barthes (2012) sobre a fotografia e o ato fotográfico, foco de sua obra “A câmara clara”.

Partindo do princípio axiológico, dialógico e heterogêneo do fazer discursivo, teceremos nossa teia comunicativa de cada tópico através do olhar da abordagem de Bakhtin (2010). Esta abordagem traz de forma inerente a visão filosófica de *Língua* enquanto produto social, advindo das práticas e eventos que pulverizam nossas ações culturais, históricas e pessoais. Neste sentido, a linguagem seria o plano de materialização dessa língua, que se manifesta de forma multissemiótica, dinâmica e participativa. Ainda por meio desse viés, o texto seria observado como um produto inacabado, incompleto, uma vez que está sempre e em contínua reconstrução.

Tomando essa abordagem como plano de fundo, foi idealizado o Projeto Fotográfico *Língua Nua*. Ensaio imagético, idealizado por Andréa Luz e com curadoria de Fernando Cunha Jr., que une língua, linguagem, corpo e poesia em formato de exposição fotográfica e que contou com a participação de 05 professores formados em Letras, todos capturados nus, apenas com suas obras de referência, por meio das lentes do fotógrafo e documentarista Aguinaldo Flor.

## **O JARDIM DE SIGNOS DA IMAGEM**

Barthes (2012) afirma que estamos inseridos numa floresta de signos, penso que estamos passeando por um jardim simbólico, repleto de cores e tons que vão além da escala pantone. A imagem, enquanto jardim de signos repletos de ideologias, se apresenta de maneira tão intersemiótica que podemos vislumbrar os sons de sua visualidade, como uma sonata de elementos que se presentificam em nossa retina, e, mais ainda, em nossa memória.

Não é de hoje que sabemos o quanto a imagem nos marca, o quanto ela nos significa e nos ressignifica. Ela não apenas nos representa, como pensava Peirce, mas nos apresenta e nos presentifica neste mundo de interações. Afinal, não é à toa que temos as redes sociais como esferas de

presentificação do discurso visual de nossas ações na vida diária. Isso porque a imagem é nosso discurso primeiro, uma vez que antes de nossa fala, nos fazemos atuantes no mundo por meio de nossa apresentação imagética, ou seja, sempre somos parecidos com alguém, que nos servirá como referência para a construção de nossa própria imagem.

Mas bem, criamos imagens porque elas são o discurso pelo qual pretendemos atuar na sociedade em que estamos. Elas estão abertas à participação do outro, ao olhar do outro, à escuta do outro. São como “carrapichos” que se prendem em nossas retinas, e por mais que fechemos os nossos olhos, elas sempre estarão lá com todas as suas camadas de significação e nos perguntaram: o que vocês veem? O que lhes comunico visualmente? Como lhe emociono por meio de minhas relações com a sociedade, com a cultura, com a história, com a própria vida?

Sim, a imagem tem suas funções, dentre elas, atua como uma informação, como um testemunho histórico, estabelece comunicação e interação na sociedade em que estamos inseridos, propõe ideias, cria emoções. É um recorte do real, não de qualquer real, mas do real de quem a produz que é tecido em sintonia com suas emoções.

Acerca de suas estruturas ideológicas, a imagem é constituída pelos fios da visão que seus produtores têm do/sobre o mundo. Sua tessitura profunda parte de teias de significação que às interligam a outras imagens e, assim, sucessivamente, até seu substrato mais inconsciente, que a desliga do contexto imediato ao qual creditamos seu pertencimento (DOMÈNECH, 2011).

Dessa forma, podemos inferir que a imagem é composta por meio de uma ecologia visual, ou seja, ela parte de um fluxo contínuo de informações, de elementos que se apresentam em constante interação e que a nutre diante de cada novo olhar. Fazem parte de sua ecologia os aspectos cognitivos, as emoções e percepções, o saber, a cultura, dentre outros elementos que fomentam sua representação, apresentação, presentificação e tradução. Tradução que se reflete numa nova linguagem, num novo olhar.

Não podemos olvidar de que esse jardim de signos, que é o discurso imagético, tem “a capacidade de ser sintoma dos aspectos da cultura que as criou ou das pulsões de seu criador” (Ibid., p. 43), isso porque elas expressam tais sintomas por intermédio de sua estrutura visual, daí a necessidade de interrogá-las para compreender o que subjaz além de sua superfície. Ou que relações de significação elas carregam em sua estrutura dialógica com o mundo.

## FOTOGRAFIA, UM DISCURSO ESCRITO COM LUZ

De fato, não há imagem sem luz. Ela é fundamental para o processo de criação imagética e na produção fotográfica é um dos mais inerentes elementos estéticos. Podemos afirmar que a luz é a rima que tece a poesia imagética da fotografia. Entra como aspecto intersemiótico a modelar a imagem como quem modela uma obra de arte.

Além disso, é a luz quem irá “apontar” na imagem a direção do nosso olhar. É ela quem vai falar: Olhe aqui! Veja! Servindo de linguagem dêitica para nosso processo de compreensão, interpretação e tradução da imagem observada.

Pois bem, voltando ao que entendemos por fotografia, podemos afirmar, com base em Barthes (2012, p. 17), que ela é um objeto de três emoções, ou três intenções: “fazer, experimentar, olhar”. Ou como defende o autor, o *Operator*, que é o fotógrafo; o *Spectator*, que somos todos nós que apreciamos as fotos; e o *Spectrum* da fotografia, que tem relação com espetáculo.

A criação da imagem fotográfica está entre a relação da ação da luz e o universo que compõe o olhar do *Operator*, que capta o mundo à sua volta por intermédio de máquinas semióticas, como câmeras fotográficas, celulares, etc. O *Operator* promove o *Spectrum* através do jogo social, ou cerimônia fotográfica, com o objeto a ser capturado. Isso se dá, porque:

A partir do momento em que me sinto olhado pela objectiva, tudo muda: preparo-me para a pose, fabrico instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Esta transformação é activa: sinto que a Fotografia cria o meu corpo ou o mortifica a seu bel-prazer (BARTHES, 2012, p. 18-19).

Como afirma Barthes, a fotografia promove esse surgimento do eu próprio como outro, não como o outro que de fato sou, mas como um outro construído, elaborado, feito um texto escrito que foi revisado, traduzido. No caso da foto-retrato, Barthes ainda comenta que ela é um campo de forças fechado onde se convergem e divergem quatro imaginários, ou seja: “Perante a objectiva, eu sou simultaneamente aquele que eu julgo ser, aquele que eu gostaria que os outros julgassem que eu fosse, aquele que o fotógrafo julga que sou e aquele de quem ele se serve para exhibir a sua arte” (id., p. 21-22).

Se fizermos uma relação, por exemplo, desses imaginários com o processo de escrita poética não seria muito diferente, uma vez que o que escreve nem sempre é aquele que escreve, mas o outro que há em si, aquele que em diálogo consigo, e guiado pelo seu “engenho”, produz a arte.

É interessante ressaltar que o *Spectator* entra nesse jogo social da fotografia como alguém que se reconhece em menor ou maior grau, dependendo de seu *Studium*, ou “campo amplo do desejo negligente, do interesse diversificado, do gosto inconsequente: gosto/não gosto, *I like/I don't*. O *Studium* é a ordem do *to like* e não do *to love*; mobiliza um meio-desejo, um meio-querer” (BARTHES, 2012, p. 36). O *Studium* vai favorecer a percepção de valor. E essa valoração será realizada por meio do olhar do *Spectator* a partir daquilo que ele considera notável, diferente, significativo. Neste sentido, a fotografia poderia ser considerada como subversiva, não quando é intrigante e perturba, mas quando se dá à reflexão. É neste ponto em que se encontra a escrita poética do Língua Nua, como veremos mais adiante.

## PROJETO FOTOGRÁFICO LÍNGUA NUA

O projeto fotográfico Língua Nua foi idealizado por Andréa Luz e conta com a parceria do fotógrafo Aguinaldo Flor e a curadoria de Fernando Cunha Jr., ambos da Produtora zero8onze. O objetivo do projeto é ressignificar o conceito de Língua, Linguagem e Texto, trazendo como mediadores desta ressignificação, os professores da área de Letras. Em sua primeira edição, o projeto versa sobre a definição contemporânea de Língua enquanto produto de interações sociodiscursivas que constituem, e constroem diariamente, os sujeitos de linguagens. A linguagem serve de fio que conduz a materialidade desta dinâmica da língua que se reinventa a cada ação discursiva e que se presentifica por meio de composições multissemióticas, a exemplo da fotografia; e intersemiótica, a relação da fotografia com a poesia.

O corpo é observado como nosso texto primeiro. É nele que a escrita do tempo se faz presente. É por meio dele que nos construímos no olhar do outro. Nesse sentido, ele se reinventa a partir de suas próprias desconstruções, e se atualiza, se reinventa, por meio do diálogo com o outro, com o tempo, com a cultura e com a história; como bem afirma Bakhtin (2010, p. 383), “o eu se esconde no outro e nos outros, quer ser apenas outro para os outros, entrar até o fim no mundo dos outros como outro, livrar-se do fardo de eu único (eu-para-si) no mundo”.

Esse processo de reconstrução serve de resposta para uma época,

para um contexto. Por isso, os sujeitos que serviram de modelo para o projeto são todos formados em Letras, professores com atuação pedagógica, que apresentam, por meio de seus corpos nus, uma visão dialógica e intersemiótica entre língua, corpo e fotografia.

A fotografia mantém esse diálogo com a produção poética. Ela em si, se transforma em meio para a escrita de luz desses corpos. Cada imagem evoca a própria rima que lhe é inerente, sendo os livros utilizados pelos modelos os elementos dêiticos que apontam para a forma como o *Spectator* deve observar o que se concebe ali sobre língua/linguagem.

Na primeira edição, o *Língua Nua* contou com a participação de 05 professores formados em Letras: Andréa Luz, Raphael Gustavo, Tício Macedo, Carlos Tomaz e Cheyenne Fernandes. A ideia de posarem nus serviu como atitude humana de resposta a um ensino de Língua Portuguesa que observa a própria língua como sistema homogêneo, amorfo e estático. Vale ressaltar, como aponta Bakhtin (2010, p. 312), que a “atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)”.

Dessa forma, a atitude de unir esses profissionais para um projeto fotográfico, que integra palavras e materiais semióticos, como a fotografia, serviu para a presentificação/visibilidade do letrólogo não como responsável pela conservação de uma língua e de uma literatura anódina, mas de sujeitos que se valem da língua como intelectuais orgânicos, porta-vozes de sua época e ativistas de uma língua nua, desgarrada de estigmas, preconceitos ou regras.

A culminância desse *Spectrum*, aqui no sentido de espetáculo para apreciação visual, aconteceu no dia 03 de maio de 2019, com o lançamento da 1ª edição do projeto *Língua Nua*, no Apolo 17 – Galeria Café (Recife antigo). Durante o lançamento da exposição houve a convergência de várias linguagens: apresentação dos curtas-metragens “O som do surto” e “Avesso” – ambos da produtora zero8onze; um recital de poesias que dialogavam com as imagens da exposição – todas declamadas pelo professor e teatrólogo Raphael Gustavo; e a apresentação musical da Banda Novelistas, com músicas que faziam referências às novelas televisivas.



Além dos produtores do projeto, Andréa Luz, Aguinaldo Flor e Fernando Cunha Jr., também participaram do evento todos os modelos fotografados, alunos do 3º e 5º períodos de Letras da Faintvisa, professores e o público em geral. Percebemos que, enquanto resposta artística à sua época, a exposição serviu de “acontecimento artístico vivo – momento significativo de um acontecimento único e singular de existir; e é precisamente como tal que ele deve ser entendido e conhecido...” (BAKHTIN, 2010, p. 175). Na

exposição foram apresentadas 25 fotos, sendo 05 por cada modelo fotografado. Para este artigo, trouxemos a fotografia de Cheyenne Fernandes, professora de Língua portuguesa e mestra em Teoria da Literatura pela UFPE.

É interessante comentar que as fotos expostas mantinham diálogo com a poesia, elemento em evidência na imagem 02, não só presente na capa do livro de poesias “Pedras”, de Alfredo Antunes, escritor português, como na poesia “O meu corpo fala”, de Raphael Gustavo, que foi declamada durante o evento.

O meu corpo fala  
 O teu corpo fala  
 São próprias línguas e linguagens  
 São a linha sinuosas entre o dito e o não dito  
 Corpos falam além das literaturas em rabiscos ou digitações  
 Corpos através da pele, do pulso e da transpiração  
 Uma pele, uma língua sedenta e sedosa  
 Corpos negros, brancos, amarelados, na  
 flacidez ou nas estátuas viris  
 O corpo é ato, é fato e é protesto  
 O corpo que nutre, que salta, apanha, bate, pena, goza  
 Tanto que se diz quando não está dizendo nada  
 Assim, como um corpo parado, nu  
 No preto e no branco  
 No profano e no santo  
 Feito se faz a vida num sexo gostoso  
 Feito se nasce a vida nas entranhas de um parto doloroso  
 Se movo, tu vais ter dificuldade em entender o que ele traduz  
 Mas se o eternizo nas lentes da fotografia  
 Tua interpretação há de ser latente  
 Me olhas em pele e pelos pausadamente  
 E depois traduz, interpreta  
 Trepa com teus próprios pensamentos  
 Entendendo que um corpo é vida, é fala  
 É a própria língua em movimento que não se cala.  
 (Raphael Gustavo)

Como se pode perceber, a poesia, em seu jogo intersemiótico com a fotografia, trouxe em seus aspectos constitutivos a concepção de língua e linguagem enquanto artefatos dinâmicos da sociedade, por isso “em

movimento que não se cala”; o conceito de corpo como texto inacabado e incompleto, como ato, fato e protesto, e que se move e se traduz; a luz que desenha a arte poética do ato fotográfico, “no preto e no branco”, e que se eterniza “nas lentes fotográficas”.

Vale a pena frisar que, devido à sua repercussão, o *Língua Nua* está em fase de construção de sua 2ª edição. Enquanto obra responsiva, sentimos a necessidade de ampliar o projeto envolvendo todos os atores que utilizam a língua e a linguagem não só como elementos de sua prática pedagógica, mas como principal componente de divulgação do saber. Neste sentido, fazem parte da 2ª edição professores de diversas áreas como Música, Dança, Yoga, Biologia, Economia, Pedagogia, dentre outras esferas do conhecimento humano.

## CONCLUSÃO

A imagem, como pudemos perceber, é um discurso multissemiótico que nos envolve, de sobremaneira, por meio de seus signos. Isso porque mantemos com essa forma de discurso uma relação que vai além da representatividade, da identificação, da similitude e da simbologia.

Na fotografia, especificamente, como pudemos depreender do olhar de Barthes sobre essa forma imagética, observamos que ela é um “apontar para”, e, por isso, possui uma linguagem dêitica, uma vez que esta ação catafórica pauta-se, assim como a linguagem verbal, em parâmetros de referência, ou seja, a imagem só faz sentido devido às relações com os aspectos sociais, históricos, culturais a que está interligada.

Essas ações subjetivas partem de uma familiarização, identificação, uma vez que o sujeito fotografado se envolve e dá sentido a esse jogo porque se sente como foco dessa lente que vai capturar não o que está lá em si, mas o que implicitamente ficou visível naquele instante. É sua forma de dizer de modo visual, sua escrita imagética, realizada por meio da rima da iluminação. É nesse ponto de apoio que fundamentamos o projeto fotográfico *Língua Nua*, que se utilizou de elementos convergentes entre língua, linguagem, poesia e corpo como signos intersemióticos carregados de ideologias e capazes de se aliarem para a produção de efeitos de sentidos variados em seu *Spectator*.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**.

São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 2012.

DOMÈNECH, J. M. C. **A forma do real**. Introdução aos estudos visuais. São Paulo: Summus, 2011.